

Uma análise formal dos nominais nus singulares no Português
Brasileiro: uma pesquisa experimental *offline*

A formal analysis of bare singular nouns in Brazilian Portuguese:
an offline experimental study

Un análisis formal de los nominales desnudos singulares en
Portugués Brasileño: una investigación experimental *offline*

Nahendi Almeida Mota (UFRJ)
nahendi@hotmail.com

Ana Quadra Gomes (UFRJ)
anaquadrogomes@letras.ufrj.br

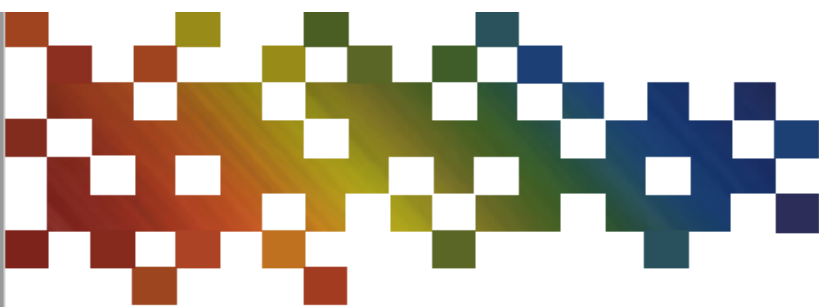
Resumo

Neste artigo, tratamos dos nominais nus singulares (NNS) no Português Brasileiro. Nosso objetivo foi verificar de que forma itens contáveis e massivos, quando representados por NNS, são interpretados por falantes nativos. Para isso, elaboramos um teste experimental *offline*, de julgamento de quantidade, com seis sentenças episódicas: três com itens contáveis e três com itens massivos, todos na posição de objeto, a fim de verificar a interpretação que os falantes fazem de tais sentenças. As nossas hipóteses foram que a interpretação dos itens contáveis seria de cardinalidade e a dos itens massivos, de volume. Com exceção de um caso, todas as respostas comprovaram as previsões iniciais. Concluímos, portanto, que, embora não haja consenso na literatura sobre os NNS, há uma relação entre massivos e a interpretação de volume e entre contáveis e a interpretação de cardinalidade em contextos neutros.

Palavras-chave: semântica formal, nominais nus singulares, pesquisa experimental.

Abstract

In this article, we deal with bare singular nouns in Brazilian Portuguese. Our objective was to verify how native speakers interpret countable items and items with mass, when represented by bare singular nouns. In order to achieve this, we developed an offline experimental test of quantity judgment, with six episodic sentences: three with countable items and three with items with mass, all in the object position, in order to verify the interpretation that the speakers make of such sentences. Our hypotheses were that the interpretation of the countable items would be cardinal and the interpretation of the items with mass would be based on the volume. With the exception of one case, all answers proved the initial predictions. We conclude, therefore, that although there is no consensus in the literature on bare singular nouns, there is a



relationship between masses and the interpretation of volume and between countable and the interpretation of cardinality in neutral contexts.

Keywords: formal semantics, bare singular nouns, experimental research.

Resumen

En este artículo, tratamos de los nominales desnudos singulares (NDS) en portugués brasileño. Nuestro objetivo fue verificar cómo los elementos contables y masivos son interpretados por hablantes nativos, cuando son representados por los NDS. Con este objetivo, elaboramos una prueba experimental offline, de juicio de cantidad, con seis oraciones episódicas: tres con elementos contables y tres con elementos masivos, todos en la posición de objeto, para examinar la interpretación que los hablantes hacen de tales oraciones. Nuestras hipótesis fueron que la interpretación de los elementos contables sería de cardinalidad y la de los elementos masivos, de volumen. Con la excepción de un caso, todas las respuestas comprobaron las predicciones iniciales. Concluimos, por lo tanto, que, aunque no hay consenso en la literatura sobre los NDS, existe una relación entre los masivos y la interpretación de volumen, así como existe una relación entre los contables y la interpretación de cardinalidad en contextos neutrales.

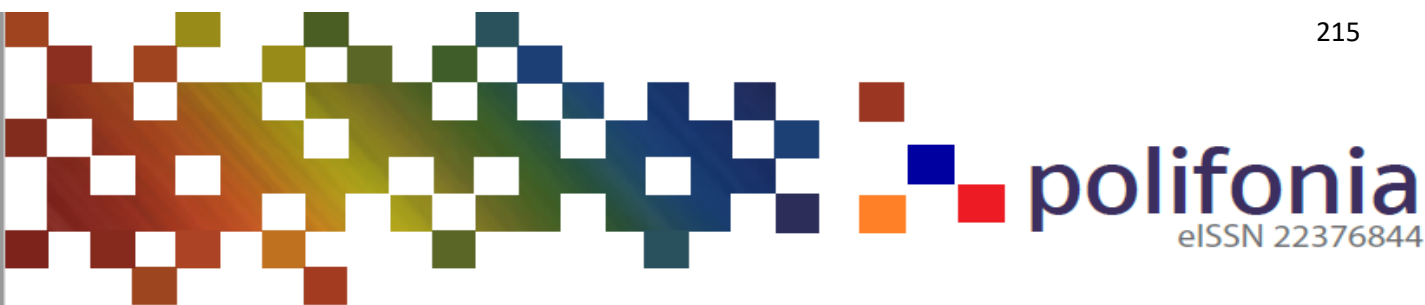
Palabras-clave: semántica formal, nominales desnudos singulares, investigación experimental.

Introdução

Os nominais nus (NN) no Português Brasileiro, diferentemente do que ocorre em outras línguas, inclusive românicas, são bastante produtivos. Eles podem ocorrer com ou sem marca morfológica de plural, podem vir tanto em sentenças genéricas quanto em episódicas e na posição de sujeito ou de objeto, como podemos observar nos exemplos abaixo.

1. a) *Cachorros* latem.
- b) Comprei *melancia* na feira ontem.

A sentença (1a) ilustra o uso dos nominais nus com marca morfológica de plural, em posição de sujeito e em sentenças genéricas, isto é, sentenças que descrevem um comportamento generalizado, ao passo que em (1b) o nominal nu não tem marca morfológica de plural, está na posição de objeto e em uma sentença episódica, ou seja, uma sentença que se refere a “situações únicas, que não se repetem, estão ancoradas no tempo e no espaço, e envolvem participantes particulares” (QUADROS-GOMES E SANCHEZ-MENDES, 2018, p. 59). Para esta pesquisa, restringimo-nos às sentenças do segundo tipo.



Nosso objetivo, aqui, foi verificar, através de um teste experimental *offline*, de que forma itens contáveis e massivos, quando representados em sentenças episódicas por um NNS e na posição de objeto, são interpretados por falantes nativos do Português Brasileiro. Com isso, objetivamos averiguar se a interpretação dos falantes é de cardinalidade, isto é, se eles vão interpretar com base no número de objetos, ou de volume, ou seja, com base no tamanho do objeto.

Esta pesquisa e o experimento foram construídos com base em duas hipóteses: (i) a interpretação de cardinalidade prevalece diante dos itens contáveis; e (ii) a interpretação de volume predomina quando os itens são massivos. Como esse é um debate recorrente na literatura da área, alguns trabalhos anteriores nortearam os nossos passos, como os de Quadros-Gomes e Sanchez-Mendes (2018), Kayron Beviláquia et al. (2016), Lima e Quadros-Gomes (2016) e Paraguassu-Martins e Müller (2007).

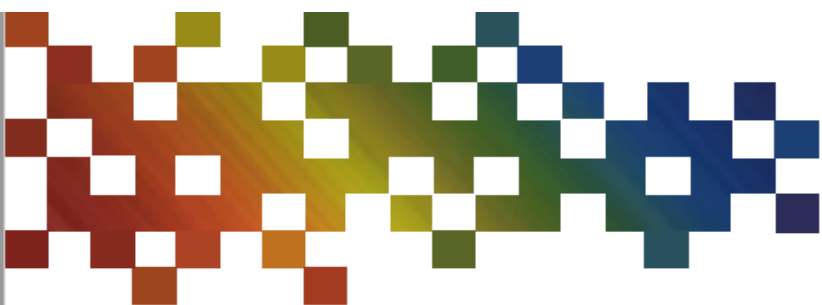
Este artigo está estruturado da seguinte maneira: na primeira seção, apresentamos um breve panorama das discussões, cunhadas na abordagem formal, acerca dos nominais nus singulares e da distinção entre massivos e contáveis no Português Brasileiro. Na segunda seção, descrevemos os participantes e quais foram os materiais, os métodos e o procedimento seguidos durante a elaboração e a aplicação do teste. Na terceira seção, expomos e discutimos os resultados alcançados. Por fim, encerramos com as considerações e as referências.

Nominais nus singulares e a distinção massivos-contáveis no Português Brasileiro (PB): o que dizem os estudos formais

Os nominais nus no Português Brasileiro

Os NNS, conforme Lima e Quadros-Gomes (2016, p. 194, Tradução das autoras), “são argumentos nominais que ocorrem sem determinantes ou morfologia numérica e podem ser interpretados semanticamente como singulares ou plurais”¹. Quanto ao seu licenciamento, Quadros-Gomes e Sanchez-Mendes (2018) afirmam que nem sempre eles

¹ Cf. o trecho original: “which are nominal arguments that occur without determiners or number morphology and can be interpreted as semantically singular or plural”.



podem ocupar a posição de argumento na sentença. Para explicar tal constatação, elas expõem os seguintes exemplos²:

2. a. *Homem* não chora.
b. *Água* ferve a 100°C.
3. a. **Homem* tropeçou numa pedra e torceu o tornozelo.
b. **Água* já ferveu.

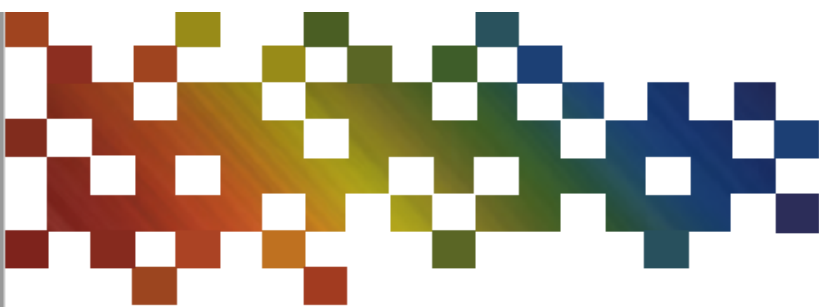
Em (2), os NNS estão na posição de sujeito em sentenças genéricas, o que, no PB, é completamente aceitável e gramatical; já em (3), os exemplos estão marcados pelo asterisco (*), pois são agramaticais, pois, em PB, NNS não ocupam a posição de sujeito em sentenças episódicas. Portanto, o tipo de sentença é um fator bastante relevante ao tratarmos dos NNS.

Outro fator pertinente é a interpretação dos NNS. Para tratar desse tópico, as autoras supramencionadas explicam que a diferença entre os plurais nus e os singulares nus no PB se dá pelo número mínimo de indivíduos, ou seja, embora não seja possível determinar a quantidade exata de elementos, é possível estabelecer o seu mínimo. Vejamos as sentenças a seguir, formuladas com base nos exemplos das autoras:

4. a. Maria comprou *laranjas* no mercado.
b. João comprou *laranja* no mercado.

Em (4a), em que o NN tem a marca de plural, é inadequado pensar que Maria tenha comprado apenas uma laranja. Em (4b), por sua vez, João pode ter comprado uma ou mais laranjas e, até mesmo, apenas partes da fruta, já que NNS permitem tal interpretação. Para Müller (2001) e Schmitt e Munn (1999), conforme o descrito por Paraguassu-Martins & Müller (2007), essa interpretação dos NNS é possível porque sua denotação para número é neutra no PB e inclui tanto indivíduos singulares e plurais

² A enumeração desses exemplos são, no texto das autoras, (7) e (8), respectivamente.



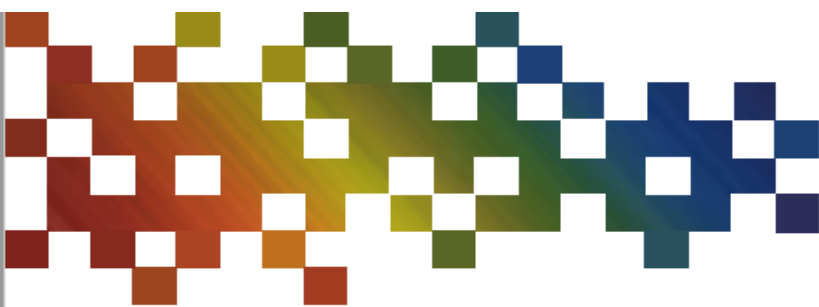
quanto partes de indivíduos. Já para Pires de Oliveira & Rothstein (2011), essa interpretação é possível porque os NNS são massivos e denotam espécie (“kind”).

A distinção entre massivos e contáveis

Embora os sintagmas nominais possam fazer referência a pessoas, animais, lugares, objetos etc., eles não apenas “nomeiam seres”, como afirma a tradição gramatical. Na verdade, eles denotam sentimentos, estados, materiais, líquidos etc., o que não os impede de funcionar como argumento. Para tratar dessa questão, torna-se pertinente fazer uma separação dos nominais em dois grandes grupos: os contáveis e os massivos, de modo que “os nomes contáveis denotam indivíduos que podem ser contados gramaticalmente, enquanto os massivos têm denotação não contável” (QUADROS-GOMES E SANCHEZ-MENDES, 2018, p. 68). A fim de sustentar essa distinção entre contáveis e massivos, vários critérios já foram defendidos na literatura. Vejamos.

O critério semântico utiliza o modo de referência, que trata das noções de cumulatividade e divisibilidade. Para Quadros-Gomes e Sanchez-Mendes (2018), a primeira é a propriedade de usar o nome no plural, cumulativamente, em qualquer situação em que haja dois elementos. Essa noção é testada aumentando-se a quantidade do referente, para ver se é possível continuar a empregar uma mesma expressão linguística; ela é uma propriedade comum aos nomes contáveis e aos massivos. Pensemos nos termos “canetas”, contável, e “água”, massivo: ao se referir a apenas um objeto, usaremos “caneta” ou “a/uma caneta”, mas, a partir do momento em que houver duas canetas ou mais, deveremos usar “canetas”, no plural; já “água”, por ser massivo, serve para qualquer quantidade, seja a água dentro de um ou mais copos de 200ml ou dentro de uma piscina, por exemplo.

Já a segunda noção, a divisibilidade, que também pode ser chamada de homogeneidade ou referência homogênea, vai na direção inversa à cumulatividade, pois verifica se a mesma expressão pode ser aplicada a partes constituintes de uma referência. Logo, essa noção distingue contáveis de massivos, pois somente nomes massivos, como “água”, citado anteriormente, fazem referência tanto ao todo quanto a cada parte



constituente. Para Paraguassu-Martins e Müller (2007), isso se dá porque a extensão dos nomes massivos é homogênea, isto é, ao dividir água em várias porções, o que se obtém ainda é água.

Todavia, esse aspecto não está em consenso na literatura. Por isso, apresentaremos, brevemente, as teorias de Link (1983) e Chierchia (1998) sobre o assunto, com base no panorama elaborado por Paraguassu-Martins e Müller (2007). Link (1983) assume que

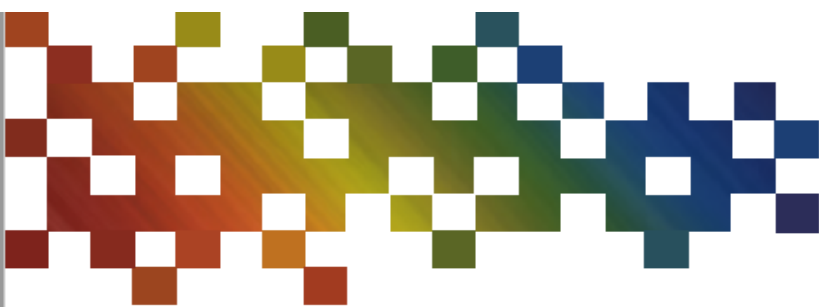
o aparato cognitivo humano vê o mundo como contendo tanto átomos quanto porções de matéria, propõe que a extensão de um nome contável é um conjunto de átomos, i.e., por singularidades, e que a extensão de tais\ (sic) nomes no plural é um conjunto de pluralidades (PARAGUASSU-MARTINS & MÜLLER, 2007, p. 173).

Dessa forma, para o autor, massivos e contáveis possuem denotações distintas, uma vez que massivos denotam porções de matéria e contáveis, de indivíduos singulares.

Chierchia (1998), por seu turno, “assume que o aparato cognitivo humano vê o mundo como um conjunto contendo apenas entidades individuadas, sejam elas singulares ou plurais”. Para o autor, a “denotação de um nome massivo seria então uma neutralização entre singular e plural, pois sua denotação inclui tanto indivíduos singulares como indivíduos plurais” (PARAGUASSU-MARTINS & MÜLLER, 2007, p. 174).

Essa teoria, para ele, aplica-se também a nomes comuns massivos, como “água” e “suco”, pois todos os nomes possuem átomos em sua extensão. Entretanto, ele defende que a noção do que seja um átomo de água irá variar a depender do contexto, o que a torna mais vaga do que para outros nomes, como “bola” e “colher”, por exemplo. Por conseguinte, o autor afirma que os domínios dos massivos e dos contáveis é basicamente o mesmo e integra tanto indivíduos atômicos quanto plurais.

Lima & Quadros-Gomes (2016) também abordam a composição por átomos ou não dos substantivos: os massivos não são atômicos, enquanto os contáveis têm indivíduos atômicos em sua extensão. Ainda segundo as autoras, Paraguassu-Martins e Müller (2007) argumentam que “enquanto substantivos massivos denotam conjuntos de



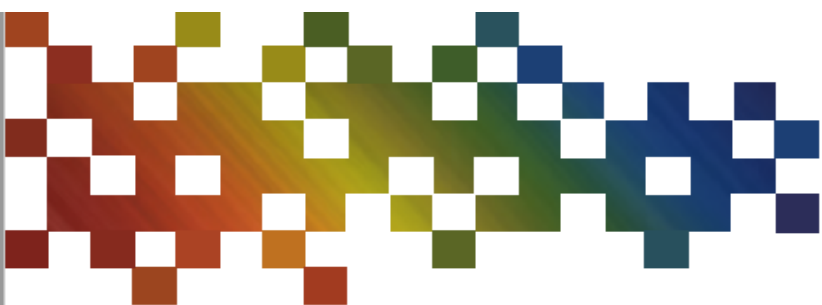
porções não-individuadas de matéria, os substantivos contáveis indicam conjuntos de indivíduos” (LIMA & QUADROS-GOMES, 2016, p. 198, tradução nossa³).

O critério sintático, por sua vez, trata do comportamento gramatical de um SN, que pode defini-lo como contável ou massivo (QUADROS-GOMES & SANCHEZ-MENDES, 2018; LIMA & QUADROS-GOMES, 2016; PARAGUASSU-MARTINS & MÜLLER, 2007). Essa propriedade diz respeito à combinação com morfologia de plural e à combinação direta com numerais cardinais. Para explicar, usemos as seguintes expressões, que fazem parte do nosso experimento, descrito adiante: “suco” e “bola”. Ao combinarmos “suco” com a morfologia de plural (“sucos”), estamos nos referindo a tipos diferentes de suco (suco de laranja, suco de beterraba, suco de cupuaçu), pois “suco” é um termo massivo, não-atômico. Já “bola”, ao receber a marcação de plural (“bolas”), passará a fazer referência a duas ou mais bolas, pois ela é um elemento contável, atômico. Da mesma forma, não combinamos, diretamente, substantivos massivos e numerais (*“dois sucos”), mas o fazemos com os contáveis (“três bolas”). Como afirmam Lima & Quadros-Gomes (2016, p. 194, Tradução das autoras), “é necessária uma frase de contêiner ou medida para combinar um numeral com um substantivo massivo”, isto é, mesmo que usemos “dois sucos”, estaremos nos referindo a uma medida específica, entendida contextualmente. Essa abordagem vai ao encontro do que afirma Link (1983), que estabelece domínios diferentes para contáveis e massivos.

Os nominais nus singulares e a interpretação cardinal e a de volume

De acordo com alguns autores, como Beviláquia e Pires de Oliveira (2014) e Beviláquia (2015), NNS são polissêmicos no PB, isto é, sua leitura pode ser cardinal, de volume ou partitiva. Essa afirmação tem suporte em vários testes difundidos pela literatura, entre eles o de Beviláquia et al. (2016). Logo, NNS comportam-se como massivos e como contáveis. A fim de verificar tais constatações, desenvolvemos e aplicamos um teste, que será apresentado na próxima seção.

³ Cf. o trecho original: “[...] while mass nouns denote sets of non-individuated portions of matter, count nouns denote sets of individuals” (LIMA & QUADROS-GOMES, 2016, p. 198).



O teste experimental

Os participantes

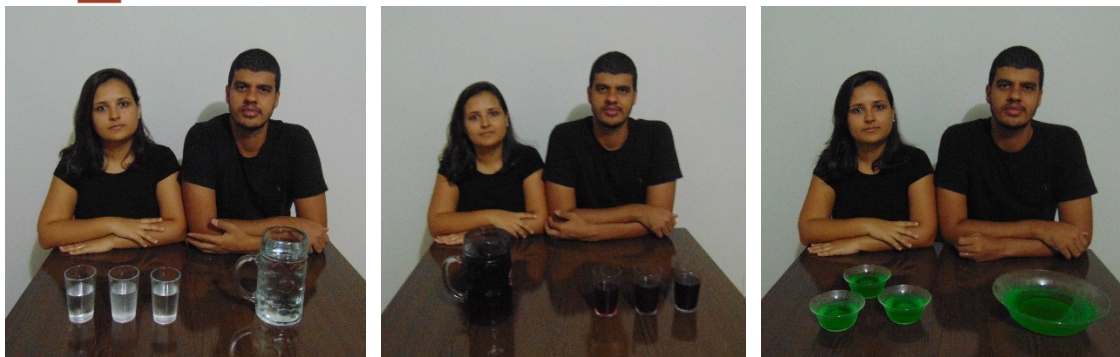
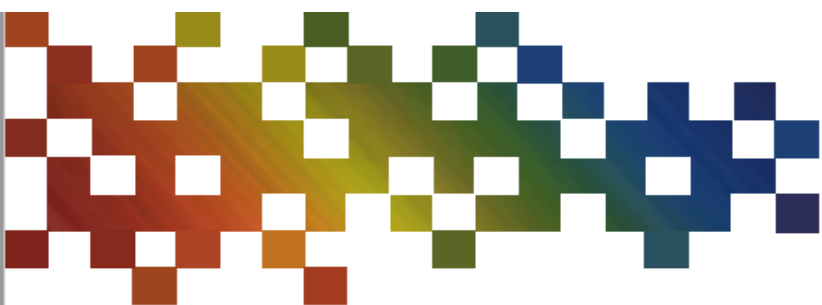
O teste foi realizado por meio de um formulário online do Google e respondido por sessenta pessoas. Os únicos critérios para poder participar foram: (a) ser brasileira(o), afinal, nosso objetivo referia-se claramente à interpretação de falantes nativos do PB, e (b) não ser da área de Letras, uma vez que estudantes e profissionais da área estudam a língua e têm uma intuição influenciada por tal conhecimento. Variáveis sociais como idade, escolaridade e sexo não foram controladas, uma vez que se entende que o objeto de estudo seja uma regra categórica e não uma regra variável do PB.

Materiais e métodos

Nosso teste foi de julgamento de quantidade. Os participantes foram orientados a responder, com base na sua intuição/opinião, se a sentença era boa ou ruim para a descrição das imagens, dispostas abaixo:



Conjunto de figuras 1: imagens com itens contáveis (A, B e C, respectivamente)



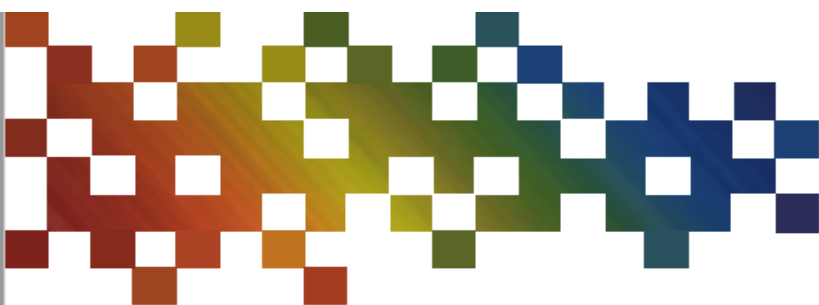
Conjunto de figuras 2: imagens com itens massivos (D, E e F, respectivamente)

Em todas as imagens visamos contrapor um item grande ou mais volumoso a três itens menores ou menos volumosos, a fim de padronizar o teste e destacar a diferença entre o que estava sendo testado. A escolha pelos itens também não foi aleatória, pois todos eles são considerados prototípicos, seja dos nomes massivos, seja dos nomes contáveis. Logo, se o falante escolher o objeto grande, significa que sua interpretação foi de volume; enquanto que se ele optar pelos pequenos, mais numerosos, sua interpretação é de cardinalidade.

Essas imagens foram acompanhadas, respectivamente, das seguintes sentenças:

- (i) Nahendi tem mais COLHER que Thiago.
- (ii) Thiago tem mais LIVRO que Nahendi.
- (iii) Thiago tem mais BOLA que Nahendi.
- (iv) Thiago tem mais ÁGUA que Nahendi.
- (v) Nahendi tem mais SUCO DE UVA que Thiago.
- (vi) Nahendi tem mais GELATINA que Thiago.

Como é possível notar, o contexto é neutro, isto é, não é tendencioso nem para uma interpretação cardinal nem para uma de volume, e todas as sentenças são episódicas, têm a mesma estrutura e foram divididas da seguinte maneira: (a) três foram elaboradas com itens contáveis e três, com itens massivos; (b) em metade delas, Thiago tem um objeto maior ou com maior quantidade de volume do que Nahendi e, na outra metade, ela é quem tem objetos maiores ou com maior volume; e (c) metade das sentenças são



iniciadas com “Nahendi” e a outra metade, com “Thiago”. Nosso quadrado latino foi organizado da seguinte maneira:

	ITENS CONTÁVEIS	ITENS MASSIVOS
NOMINAIS NUS (posição de sujeito em sentenças episódicas)	(1) Nahendi tem mais <i>COLHER</i> que Thiago	(2) Thiago tem mais <i>ÁGUA</i> que Nahendi
	(3) Thiago tem mais <i>LIVRO</i> que Nahendi	(4) Nahendi tem mais <i>SUCO DE UVA</i> que Thiago
	(5) Thiago tem mais <i>BOLA</i> que Nahendi	(6) Nahendi tem mais <i>GELATINA</i> que Thiago

Quadro 1: condições organizadas no quadro latino

Conforme as nossas hipóteses:

Condições (1), (3) e (5): os itens receberão uma interpretação de cardinalidade, isto é, o sujeito que tiver um número maior de itens, independentemente do tamanho deles, será considerado o sujeito que tem mais elementos.

Condições (2), (4) e (6): os itens receberão uma interpretação massiva, ou seja, o sujeito que tiver um volume maior do item, independentemente do número de porções, será considerado o sujeito que possui a maior quantidade do elemento descrito na sentença.

Além disso, no formulário, as sentenças estavam alternadas, ora uma contável, ora uma massiva, a fim de evitar algum direcionamento aos participantes, e, seguindo o que prevíamos com base em nossas hipóteses, três delas foram formuladas para receber como resposta “sentença boa” e as outras três, “sentença ruim”.

Procedimentos

O teste foi criado por meio do Formulários Google e disponibilizado online para os participantes, que poderiam respondê-lo pelo computador ou até mesmo pelo celular. No início do formulário, afirmamos que não havia resposta certa ou errada, de modo que eles poderiam analisar as sentenças apenas com base na sua compreensão.

A partir daí, eles deveriam relacionar a sentença à imagem para, em seguida, afirmar se a sentença era “boa” ou “ruim” para descrevê-la. Todos eles analisaram as seis sentenças listadas no tópico 3.2, o que pode ter durado entre três e sete minutos. Ao chegar ao fim, eles também poderiam dar a sua opinião, de maneira discursiva, sobre o teste ou sobre alguma sentença específica.

Resultados e discussão

Os principais resultados obtidos a partir deste estudo e do experimento foram: (i) a interpretação dos itens massivos representados por NNS em sentenças episódicas e na posição de objeto é não-cardinal; e (ii) os itens contáveis, por sua vez, permitem uma interpretação tanto cardinal quanto de volume. Abaixo, expomos, descrevemos e discutimos os resultados alcançados com o teste experimental.

Interpretação dos itens massivos

Os resultados alcançados com as sentenças em que o nominal nu é um item massivo estão descritos a seguir.

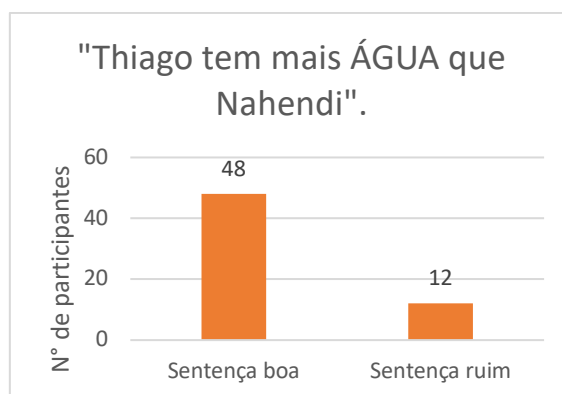


Gráfico 1: respostas à sentença “Thiago tem mais ÁGUA que Nahendi” (imagem “2D”, disponível na seção 3.2 deste artigo).

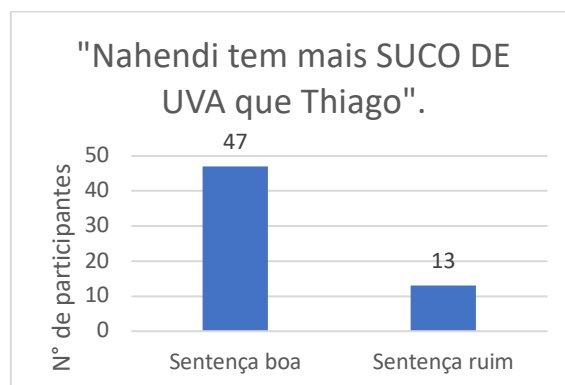


Gráfico 2: respostas à sentença “Nahendi tem mais SUCO DE UVA que Thiago” (imagem “2E”, disponível na seção 3.2 deste artigo).

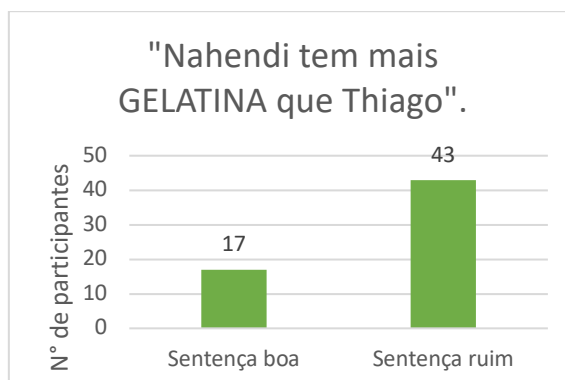


Gráfico 3: respostas à sentença “Nahendi tem mais GELATINA que Thiago” (imagem “2F”, disponível na seção 3.2 deste artigo).

Segundo os critérios semânticos e sintáticos apresentados na seção 2, os itens acima (“água”, “suco” e “gelatina”) são itens massivos, uma vez que eles não recebem marcação morfológica de plural se não estiverem se referindo a tipos ou a quantidades especificadas por medidas (“litros de água”, “sucos de laranja e de pêsego”) e nem vêm precedidos de numerais se não estiverem acompanhados de um contêiner de medida (“*três águas”, “*duas gelatinas”).

Assim, por um lado, nos dois primeiros gráficos, os falantes (cerca de 80%) consideraram a sentença boa para descrever a imagem; por outro, no terceiro gráfico (com percentual também próximo a 80%), eles selecionaram a opção “sentença ruim”, afirmando que esta não descrevia bem o que estava visível na imagem. Todos esses resultados confirmam nossas hipóteses, uma vez que eles apontam para uma interpretação de volume por parte dos falantes.

Interpretação dos itens contáveis

Vejamos, agora, os resultados alcançados com as sentenças em que o nominal nu é um item contável. Diferentemente do ocorrido com os massivos, uma de nossas hipóteses não foi confirmada.

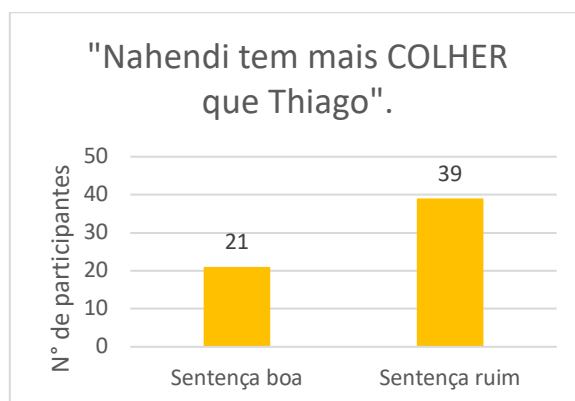


Gráfico 4: respostas à sentença "Nahendi tem mais COLHER que Thiago" (imagem "1A", disponível na seção 3.2 deste artigo).

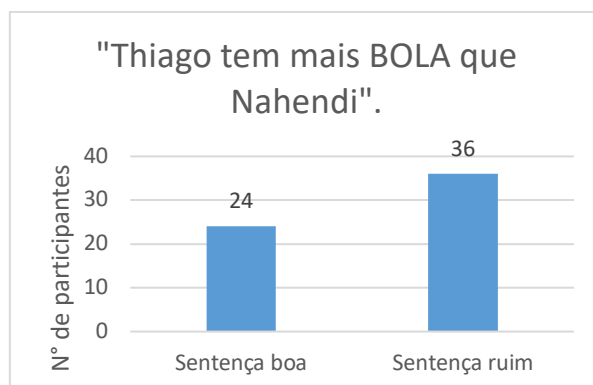


Gráfico 5: respostas à sentença "Thiago tem mais BOLA que Nahendi" (imagem "1C", disponível na seção 3.2 deste artigo).

Assim como explanamos os critérios de marcação morfológica de plural e o acompanhamento de numerais na subseção sobre os itens massivos, o faremos aqui, com os itens contáveis. Observemos que, diferentemente daqueles, estes permitem ser

pluralizados e podem vir precedidos de numerais, sem estarem se referindo a espécies ou pressupondo medidas (“duas bolas laranjas”, “cinco colheres de plástico”).

Dessa forma, nos gráficos 4 e 5, acima, as nossas hipóteses foram confirmadas, visto que ambas as sentenças não correspondiam a uma leitura de cardinalidade, o que levou a maioria dos participantes a optar por “sentença ruim”. Para o oposto acontecer – os participantes escolherem “sentença boa” –, a leitura das imagens precisaria ser de volume.

Agora vejamos o nosso último gráfico.

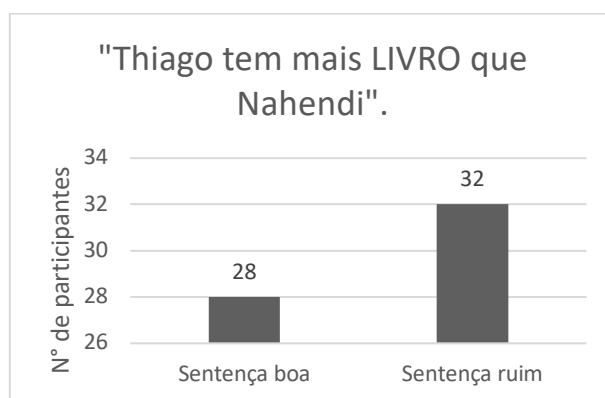
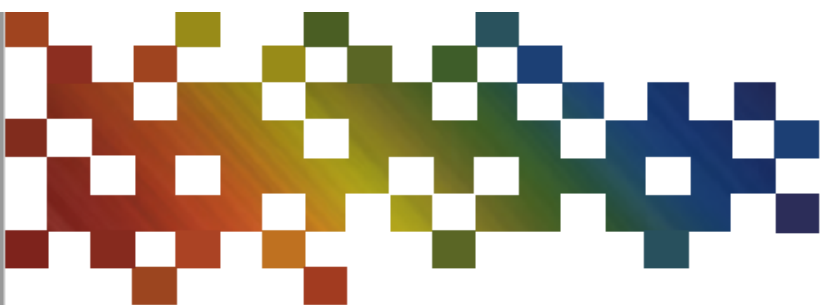


Gráfico 6: respostas à sentença “Thiago tem mais LIVRO que Nahendi” (imagem “1B”, disponível na seção 3.2 deste artigo).

Como a nossa hipótese era a de que os itens contáveis seriam analisados pela quantidade cardinal, este resultado foi de encontro a ela. A diferença percentual (46,7% para “sentença boa” e 53,3% para “sentença ruim”) também merece destaque, pois, diferentemente dos resultados anteriores, em que o menor resultado foi 60%, neste a diferença não foi significativa.

Para explicar este resultado, podemos pensar em um contexto em que os falantes fazem uma interpretação pelo volume de leitura. Isso porque, como é possível notar pela segunda imagem do conjunto de figuras 1, o livro de Nahendi, embora seja apenas um, é muito mais volumoso (mais largo e mais grosso) do que os três de Thiago. Para verificar essa hipótese, é possível – para trabalhos futuros – fazer um novo teste e, desta vez, selecionar um livro grande, porém fino, como livros infantis ou atlas.



Além disso, Kayron Beviláquia et al. (2016), fundamentados em Pires de Oliveira & Rothstein (2013), mostram que sentenças como essa (“Thiago tem mais livro que Nahendi”) são ambíguas: (i) há uma interpretação cardinal, em que se leva em conta a quantidade de livros; e (ii) há uma interpretação não-cardinal, isto é, os falantes avaliam o peso dos livros, independentemente da quantidade. O resultado obtido mostra que ambas as interpretações são, de fato, possíveis e que as respostas dos participantes do nosso teste tendem tanto a uma quanto a outra interpretação.

Kayron Beviláquia et al. (2016) afirmam que os autores não discutem muito claramente quais os contextos que mais motivam uma ou outra interpretação, embora seja possível inferir que “o nominal nu singular denota átomos naturais e que há uma preferência pela leitura cardinal em contexto neutro. As leituras não-cardinais estão restritas a contextos que favorecem a interpretação de peso ou de volume” (KAYRON BEVILÁQUIA ET AL., 2016, p. 3, Tradução das autoras⁴).

Lima & Quadros-Gomes (2016) reiteram essa afirmação, o que também corrobora os resultados do nosso teste. Além disso, elas indicam dois fatores, interconectados, que podem explicar a interpretação dos NNS como massivos em contextos neutros, como o ocorrido no último resultado do experimento analisado nesta seção. São eles: (i) um viés natural de atomicidade e (ii) estatísticas lexicais, devido à alta frequência de formas do mesmo léxico.

Por fim, as autoras apresentam um quadro onde são sumarizadas duas diferentes teorias: a “visão contável” (Schmitt and Munn, 1999, 2002, 2005; Müller, 2002a, 2002b, Paraguassu and Müller, 2008) e a “visão massiva” (Pires de Oliveira and Rothstein, 2011). Vejamos, abaixo, uma versão traduzida e reduzida para atender aos nossos propósitos.

SUBSTANTIVOS NUS	VISÃO SINTÁTICA	ABORDAGEM LEXICAL	
Denotação básica	Espécies	Espécies	Predicados / indefinidos

⁴ Cf. o trecho original: “[...] the BS denotes natural atoms and that there is a preference for the cardinal reading in a neutral context. The non-cardinal readings are restricted to contexts that favor a weight or volume interpretation” (KAYRON BEVILÁQUIA ET AL., 2013, p. 3).

CONTÁVEIS	Substantivos contáveis regulares (como <i>bola</i>)	Apenas leitura cardinal	Ambas as leituras (cardinal e de volume)	Apenas leitura cardinal
MASSIVOS	Substantivos nus de substância (como <i>suco</i>)	Apenas leitura não-cardinal	Apenas leitura não-cardinal	Apenas leitura não-cardinal

Quadro 2: disponível em Lima & Quadros-Gomes (2016) e traduzido e reduzido pelas autoras deste artigo

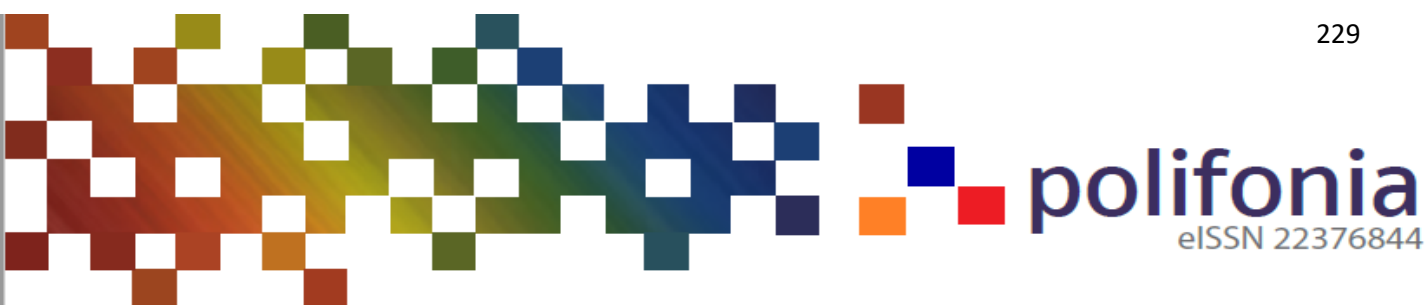
Com o auxílio desse quadro, percebemos que itens contáveis, como “bola” ou “livro”, são passíveis de uma interpretação tanto cardinal quanto de volume, de modo que os resultados obtidos são previstos por parte da literatura da abordagem formal. Contudo, os NNS ainda mantêm um status enigmático, sem uma explicação que atenda a todos os casos do Português Brasileiro.

Considerações finais

Objetivamos, com esta pesquisa, testar, a partir de um experimento *offline* elaborado na plataforma Formulário Google, de que forma falantes nativos do Português Brasileiro interpretam itens contáveis e massivos presentes em sentenças episódicas na forma de nominal no singular, isto é, um sintagma sem determinante e sem marca morfológica de plural.

Com os resultados do nosso teste, verificamos que os itens massivos são avaliados pelo volume, enquanto que os itens contáveis, como a literatura da área já vem abordando há um tempo, podem ser interpretados tanto pela cardinalidade quanto pelo volume, embora, em contextos neutros, a interpretação cardinal seja predominante. De maneira geral, tais resultados corroboram as nossas hipóteses, uma vez que previmos uma relação entre itens massivos e uma interpretação de volume e itens contáveis e uma interpretação de cardinalidade.

Para trabalhos futuros, é pertinente desenvolver experimentos para avaliar qual a interferência que o tamanho de um item contável tem na interpretação do falante, visto que tal fator parece influenciar a maneira com que os itens são compreendidos, se cardinais ou não.



6 Referências

BEVILÁQUA, Kayron; LIMA, Suzi; PIRES DE OLIVEIRA, Roberta. *Bare Nouns in Brazilian Portuguese: An experimental study on grinding*. *Baltic International Yearbook of Cognition, Logic and Communication*. v. 11, 2016. Disponível em: <<https://doi.org/10.4148/1944-3676.1113>>. Acesso em: 11 set. 2019.

LIMA, Suzi; QUADROS GOMES, Ana Paula. The Interpretation of Brazilian Portuguese Bare Singulars in Neutral Contexts. *Revista Letras*. Curitiba, n. 93, p. 193-209, jan./jun. 2016.

PARAGUASSU-MARTINS, Nize; MÜLLER, Ana. A distinção contável-massivo nas línguas naturais. *Revista Letras*, Editora UFPR, Curitiba, n. 73, p. 169-183, set./dez. 2007.

QUADROS-GOMES, Ana; SANCHEZ-MENDES, L. *Para conhecer semântica*. São Paulo: Contexto, 2018.